SÍNTESE SOCIAL

O COMUNISMO NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

São focalizados a seguir alguns aspectos da penetração e atuação comunistas no Brasil e na América Latina, no ano de 1959. Procurando evitar a fobia pueril dos que vêem comunismo em toda parte, e a ingenuidade dos que supõem que o comunismo já passou, examinam-se duas questões fundamentais: o recrudescimento das atividades comunistas e a penetração comunista em campanhas diversas que agitam o Continente.

“**O** COMUNISMO? Mas, êle está às portas! ou melhor: já as transpôs. E temo-lo hoje nós, brasileiros, nós, latino-americanos, dentro de casa, na sala de visitas, dando ordens, na copa e cozinha, tramando, em todos os cômodos — e em todos os incômodos — da casa!”

“Nacionalismo? Petróleo? Arte Moderna? Desenvolvimento? Instrução gratuita? Qual nada! Tudo não passa de pretexto para a propaganda de Moscou, dos seus fãs, dos seus inocentes úteis (mais ou menos inocentes, menos ou mais úteis)”.

Parece-nos, sem dúvida, que em nosso país essas duas afirmações se puseram, de maneira particular-

mente incisiva, no último trimestre de 1959 (e no alvorecer de 1960). O assunto é delicado, tantas são as paixões que, num sentido ou no outro, tendem a perturbar a visão imparcial das coisas.

O comunismo é, de fato, não a única, mas uma das duas ou três mais graves indagações com as quais depara o mundo contemporâneo; e da resposta que se lhe dá, tanta coisa depende, que é natural a dificuldade em examiná-lo com serenidade bastante para não tomar o que se sente e o que se deseja pelo que é, realmente. Vale a observação para os que são *contra*, como para os que são a favor.

Em *Thought*, recentemente, THOMAS MERTON considerou as-

pectos do problema, examinando "The PASTERNAK affair, in perspective". (É, aliás, ao mesmo tempo curioso, do ponto-de-vista pessoal, e característico, do ponto-de-vista histórico, encontrar um tal assunto tratado por um tal autor.)

Mostrando a deformação que a concepção comunista (e análogamente será para o autor comunista) impõe nos julgamentos, escreve MERTON com muita lucidez que "tudo quanto acontece e não entra nas previsões da Rússia ("is unforeseen by Russia") é considerado um ato de agressão capitalista contra a União Soviética. Se, por exemplo, uma geada tardia arruína a safra de frutas da Ucrânia, isso só pode ser um acontecimento político, fomentado por Wall Street. Se PASTERNAK escreve uma grande novela "não comunista e apreciada fora da URSS, seu sucesso se torna um ato de traição política".

Note-se que, em certos meios ocidentais, a tendência (com sinal trocado) é a mesma: e qualquer opinião sobre a política de desenvolvimento, sobre a escola oficial, ou ainda sobre essa ou aquela manifestação diferente de arte que não se enquadre nos rígidos moldes de determinadas concepções pessoais, assume logo uma tonalidade vermelha que dispensa qualquer discussão.

Isso, infelizmente, "mais do que um crime, é um erro": mais do que um injusto, é contraproducente... E os argumentos, tão fortes por si mesmos, em favor de uma escola verdadeiramente livre para alunos que possam livremente escolher; ou contra um pseudo-desenvolvimen-

tismo (a palavra, como a coisa, é bárbara); ou que distingam na arte moderna o que é beleza nova do que é apenas esnobismo ultrapassado, todos esses argumentos se enfraquecem e se desmoralizam porque resolvem a questão numa preliminar, simplista e ininteligente: os comunistas são a favor; por conseguinte, é um erro e somos contra.

Procuraremos, então, examinar as duas questões postas no início desta "Síntese" tão *sine ira ac studio* quanto nos seja possível.

É nesse espírito que acreditamos poder dar uma resposta afirmativa às duas indagações feitas. Sim: há um recrudescimento real e manifesto na propaganda comunista no Brasil e nos outros países latino-americanos. Sim: os comunistas, muito coerentes nas suas idéias, têm procurado tirar de campanhas que se poderiam pôr fora do terreno marxista, vantagens para sua ideologia e armas para as suas batalhas.

Examinemos sucessivamente uma e outra questão.

Que os comunistas — e o comunismo — tenham procurado cada vez mais, nos últimos meses, chamar na América Latina a atenção para os seus êxitos, mostrar os benefícios das suas concepções sócio-econômicas, atrair a simpatia para suas idéias, e, particularmente, para a URSS, parece-nos incontestável.

Aliás, a América Latina, estrategicamente, é a conquista mais interessante, no momento, para o comunismo internacional. É evidente a manobra. A dificuldade da penetração frontal para desintegrar o mundo ocidental aconse-

lhou aos vermelhos a manobra envolvente: politizar a África, subtraindo assim o suporte econômico do colonialismo europeu, politizar a América Latina, destruindo assim o suporte econômico do imperialismo americano.

As possibilidades de destacar a América Latina da órbita ocidental nunca foram tão grandes, e salta aos olhos a vantagem de ter, em pleno Ocidente, um Continente vermelho que antes do ano 2000 contará com um potencial demográfico superior ao da América não latina. Os esforços de penetração comunista na América Latina não são, assim, esporádicos. Não são gestos de beneficência da compassiva URSS, para com os pobres miseráveis sugados pela águia ianque. São pontos bem estudados de um programa sistemático de conquista.

Mais de 5 000 estudantes latino-americanos se preparam em Moscou para liderar o movimento de penetração. Praga e Montevideu são os focos que irradiam sobre o Continente latino-americano uma série de publicações periódicas, de boletins e de panfletos. Felizmente, ainda não se dão conta de que os países latino-americanos já não são mais tão imaturos para receber, deslumbrados, uma propaganda tão ingênua da URSS. Nós, latino-americanos, já treinamos o senso crítico ante a propaganda que nos vinha dos Estados Unidos. E eis que agora a URSS, através de suas agências, nos manda revistas que nos falam da indústria da URSS, das lavouras da URSS, dos automóveis da URSS... Já estamos cansados de nos estarrecer!

Que os comunistas venham, sempre mais, procurando influir e tomar parte nos debates, políticos e econômicos, em nossa terra — cremos, portanto, que será difícil negá-lo. O Sr. LUÍS CARLOS PRESTES, por exemplo, em manifestações repetidas, tem tomado posição, não apenas na campanha presidencial que se inicia, mas ainda nos juízos sobre as atividades e as iniciativas governamentais. É claro que, nessa constatação, não estamos tratando de julgar se a sua atitude é, ou não, razoável; queremos, apenas, salientar a insistência com que vem o Sr. PRESTES lançando a força de seu nome na balança dos julgamentos populares; e com isso atraindo a atenção para a sua pessoa e as suas idéias.

Os jornais, na sua parte de noticiário escrito, como nas suas reportagens fotográficas (com faixa e sem faixa), andam cheios de manifestações prestistas (e comunistas). Ainda há dias, era *O Globo* que exibia, em manchete de primeira página, as declarações do Sr. PRESTES: “o Sr. X é o candidato dos comunistas”.

Outro fenômeno, na mesma linha, encontra-se na denúncia repetida, insistente, violenta de influências comunistas que o Sr. NEMO CANABARRO (êle próprio acusado de simpatias vermelhas) lança contra certos setores de propaganda de determinada candidatura presidencial, envolvendo mesmo, com inegável deselegância, o nome da filha do candidato na rede de suas acusações.

Duas revistas que se professam marxistas foram lançadas entre nós em 1959: *Estudos Sociais e Movimento Socialista*. A primeira, de

um marxismo mais inteligente; a segunda, de um marxismo mais ortodoxo; ambas já libertadas da tutela intelectual do "cavaleiro da Esperança". Um marxista francês mais evoluído, lendo os artigos dessas revistas, exclamaria, decepção: *Que c'est navrant!* Que monotonia em explorar temas obsoletos! Que rigidez na aplicação dos mesmos esquemas simplistas do marxismo! Não há dúvida de que, se MARX voltasse à terra, seria o mais perspicaz crítico do marxismo. Perceberia que a problemática da luta de classes nos países subdesenvolvidos está superada. Não é a estratégia indicada para esta fase histórica do processo evolutivo destes países. Perceberia que a grande tática é mobilizar suas tendências nacionalistas; aglutinar tôdas as forças nativas em tôrno da idéia nacionalista.

Mas, isto, são incapazes de entender os marxistas do *Movimento Socialista*. Distinguem o nacionalismo "burguês" que se está desenvolvendo entre nós, do único nacionalismo autêntico, que seria à base da luta de classes. Não percebem (ou percebem?) que com luta de classes não se faz nem nacionalismo, nem coisa alguma, a não ser acirrar ódios estéreis. Com luta de classes não se supera o subdesenvolvimento, porque se regrida ao contexto social em que pensou MARX. Os nossos marxistas autóctones não se lembram que MARX também foi condicionado pelas estruturas sociais da época. Esquecidos disto, forcejam em adotar MARX *sine glossa*; em aplicar MARX contra MARX: a le-

tra de MARX contra o espírito marxista.

E a numerosa imprensa "colorida" do Brasil (sobretudo na sua fração escandalosa) procura, com a disciplinada unanimidade própria das manifestações vermelhas, chamar a atenção para tudo quanto seja argumento marxista, na luta política como nas manifestações partidárias. Veremos, adiante, ao estudar a segunda questão cujo exame nos propusemos, como essa campanha utiliza outros temas, postos na arena política atual.

Não seria, porém, deslocado observar o que se disse, o que se escreveu, o que se proclamou, os línos que se entoaram ao regime comunista quando do lançamento do Lunik. Dispensamo-nos de buscar muitos exemplos que o demonstrem. Baste-nos citar, para ilustração, o discurso (entrecortado, segundo as publicações soviéticas, de "clamorosos aplausos", "aplausos prolongados", "risos e aplausos") com que KRUSCHIEV, logo depois de sua volta dos Estados Unidos, procurou comentar sua viagem, falando aos "trabalhadores" de Vledisvok (4 de outubro de 1959, separata da URSS). Sem esgotar as citações possíveis, refiramos algumas delas. "Experimentem os americanos lançar um foguete à lua e verão que não é tão fácil"; "tratava-se, então, do nosso segundo foguete cósmico que chegou exatamente à lua"; "hoje o terceiro foguete segue seu curso para rodeá-la"; "por acaso o testemunho de estarmos a frente na produção dos foguetes não prova o progresso da técnica e da ciência em nosso país?"; "por que os Estados Unidos tentam repetidas

vêzes lançar um foguete à lua, porém não atingem senão o fundo do mar?" E por aí a fora. Cremos que poucos acontecimentos, mesmo úteis à humanidade e mais importantes do ponto-de-vista da ciência, terão servido como êsse êxito incontestável da *técnica* russa para arma de propaganda política. Algumas poucas fotografias, sem grande novidade sobre o que se conhecia e sem maiores conseqüências no vasto campo da ciência, alguns be-bi-bops de sinais de rádio, terão sido muitíssimo mais *anunciados e propagados* do que, por exemplo, a descoberta da penicilina ou da vacina Salk, que salvaram milhões de vidas humanas.

De qualquer modo, o que queremos assinalar é o quanto êsse sucesso da URSS serviu para intensificar na América (como fora dela) a propaganda de um regime.

Com relação ao meio propriamente brasileiro e latino-americano, bastará citar a missão de técnicos russos a estudar xistos no vale do Paraíba; a viagem de três conhecidos engenheiros nacionais à Rússia (com ela, abre página, cheia de fotografias, a revista *URSS*, número de 15 de dezembro de 1959, sob o título "3 brasileiros e 3 opiniões"); a missão econômica que foi a Moscou e lá assinou um tratado de comércio entre as repúblicas soviéticas e o Brasil: as emissões diárias em português feitas durante hora e meia pela Rádio Moscou especialmente para o nosso país; um folheto especial publicado pela editorial soviética Znanie sobre EUCLIDES DA CUNHA, por ocasião do 50.º aniversário de sua morte; o estudo incluído na história da filosofia

preparada pelo Instituto de Filosofia da Academia de Ciências da URSS sobre as idéias filosóficas de EUCLIDES DA CUNHA (dando a essas uma importância que os admiradores patricios do grande escritor não salientaram); a tradução dos livros de MONTEIRO LOBATO (um dos quais, o de "tia Anastácia", teria visto esgotada uma edição de 150 mil exemplares); tudo isso — e muito mais — prova como o Brasil é hoje uma preocupação primordial nas "relações públicas" da Rússia comunista. De tal modo que, em aula inaugural da Escola do Estado-Maior, o General LIMA BRAYNER podia afirmar estar no "Rio o principal eixo comunista em todo o mundo". Aliás, poderíamos ampliar a afirmativa e mostrar como êsse interesse se estende a toda a América Latina (para ela, há, por exemplo, não apenas hora e meia, mas três horas de emissão diária, em espanhol, na Rádio Moscou; a Mashinoexport tem dado créditos vários à Yacimentos Petrolíferos Fiscales da Argentina e a essa o govêrno dos Soviets concedeu um crédito de 100 milhões de dólares, num exemplo talvez único, fora dos países satélites ou quase satélites; etc.).

De modo que, quando se afirma que há largas penetrações vermelhas no Exército, na alta administração pública, em órgãos parastatais, em entidades e manifestações estudantis no Brasil, cremos que se tem o direito de acreditar, sem nenhuma suspeita de se estar deixando levar pelo *red boit* das propagandas americanas. E que haja, possivelmente sob essas penetrações, um sentido orientador,

mais ou menos presente, é o que também se poderá supor.

A segunda questão que indica-mos é aquela que indaga se, através de campanhas inspiradas, às vezes, por outros motivos mais justos, não se encontraria também uma inspiração comunista, deixando de lado a do "nacionalismo" já estudada nesta revista.

A primeira delas — a mais aparente, a mais "espetacular", no momento — é a do desenvolvimento econômico do país. Não há quem, sendo patriota, possa opor-se ao que se queira fazer no sentido de explorar, de aproveitar melhor, de levar até sua atualização integral tôdas as potencialidades econômicas que o país possui.

Sem negar êsse justo anseio, êsse louvável esforço, há objetivos não aparentes que mostram que, à sombra da grande bandeira, batida dos ventos, do amor à pátria, existem outros pequenos — e mais disfarçados — estandartes (para usar a velha imagem machadiana) que procuram valer-se do entusiasmo da causa maior para fazer triunfar a sua causazinha, particular e encoberta.

Assim é que muitos "desenvolvimentistas" só o sabem ser, só o são, de fato, *contra* certos inimigos a cuja derrota somente visam. Ê-se desenvolvimentista *contra* a iniciativa privada, alegando-se que só o Estado pode executar um plano verdadeiramente eficaz de progresso econômico. Ê-se desenvolvimentista *contra* os Estados Unidos, pintado como o bicho-papão de todos os povos que querem ser livres, economicamente livres. Ê por aí passam, no calor da batalha e na fumaça das refregas, as (quintas)

colunas camufladas de uma propaganda que é — e não quer dizer que seja — puramente comunista.

Aliás, a coisa é tanto mais fácil quanto há, no fundo, certa identidade de concepção de vida entre uma coisa e outra. Para um grupo de desenvolvimentistas que vem gritando muito útilmente (tal como para os comunistas), só o progresso material é que vale: e desde que a produção aumente, que lhes importa o homem, o pobre homem que morre nas favelas, que é "queimado vivo" nas regiões do Nordeste, que é um escravo da miséria, da doença, da subnutrição, nas "cidades livres", ou à margem dos kremlins fantasmagóricos e tropicais onde os iluminados do futuro sacrificam, tranqüilamente, a humanidade de sangue e sofrimentos de hoje no altar demagógico dos duvidosos amanhãs? !

À sombra, pois, de uma justa idéia de desenvolvimento, vêm-se esgueirando, como contrabando, concepções estatais, orientações materialistas, esperanças comunistas que se sabem prematuras, mas não ignoram que, num país onde tudo se concentre nas mãos do Estado, bastará um "golpe feliz", como o de LENINE, na Rússia, para instalar a ditadura do proletariado.

Com relação à escola, a propaganda, no fim de 1959 e no limiar de 1960, foi a mais intensa, a mais violenta, e ao mesmo tempo mais paradoxal possível.

Não deixa de ser curiosa a coincidência de que a campanha contra a lei de Diretrizes e Bases da Educação se deflagre, entre nós, precisamente depois que um congresso internacional estudantil, reunido

em Caracas e dominado por elementos comunistas, tinha decretado a luta contra o ensino privado. É curiosa a coincidência de que, no Rio de Janeiro, tenha sido um deputado reconhecidamente comunista um dos mais animados articuladores do movimento contra a lei. Como também não deixa de ser curiosa a coincidência de que as manifestações estudantis contra o presidente EISENHOWER, em todos os países da América Latina que visitou, tenham explorado rigorosamente o mesmo *slogan*: Viva Fidel Castro! E uma das provas de que, ao menos no Brasil, tais manifestações não correspondiam aos sentimentos unânimes da classe estudantil, mas eram iniciativa de uma minoria teleguiada, foi a atitude da AMES, que publicamente negou solidariedade ao movimento.

Por toda parte, apareceram os D. Quixotes a defender a inerme escola pública (que só tem a seu favor toda a máquina estatal, inclusive, e sobretudo, a máquina efficientíssima de fazer dinheiro...) contra a *tiranía* de uma pobre escola particular que vive se equilibrando entre as exigências multiplicadas da burocracia, as reivindicações dos professores (muitas delas incontestavelmente justas), a resistência dos pais de alunos que, com seus recursos inflacionariamente evanescentes, procuram pagar o menos que lhes seja possível (o que é perfeitamente explicável).

Os *slogans* se multiplicam: "Estamos de luto pela escola pú-

blica", diz mais ou menos a faixa negra que barra a fachada nas associações estudantis. E a pretexto de defender a democracia, quer-se acabar com a liberdade do ensino (condição, ao lado de outras liberdades, *sine qua non* para a sobrevivência de qualquer regime democrático).

Porque não basta, evidentemente, proclamar: "os particulares estão livres de manterem as suas escolas". Como o dizia há tempos o jornal francês *L'Humanité*, "uma liberdade à qual não se concedem os meios materiais para que se mantenha é uma simples mentira". Ora, se se põe, ao lado da escola pseudolivres, uma escola do governo, paga com os impostos retirados dos pais que teriam de custear o ensino dos filhos se quisessem escolhê-lo; se se apoiam todas as exigências salariais dos professores, permitindo, ao mesmo tempo, as campanhas violentas e as greves insufladas contra os aumentos, na mesma proporção, das anuidades escolares: então essa liberdade é simplesmente a liberdade de não existir.

Não valeria insistir na exemplificação.

Poder-se-á desde logo concluir que, no panorama social dos últimos meses, incentivaram-se — e infelizmente com bastante repercussão na opinião pública — as propagandas de idéias, algumas delas total ou parcialmente justas, que traziam, no seu bojo, para a Tróia democrática, o presente de gregos dos totalitarismos disfarçados.